

## OS QUARENTA E TRÊS ANOS DO DEMÔNIO METÁLICO: ANÁLISE CRONOLÓGICA E CONCEITUAL DA ICONOGRAFIA REFERENTE DEMONÍACO NO METAL 1970 – 2013

Adriano Alves Fiore <sup>1</sup>, Cláudia Souza Nunes de Azevedo <sup>2</sup>

### RESUMO

Este artigo propõe-se a analisar, cronológica e conceitualmente o emprego da iconografia referente ao demoníaco no (*Heavy*) *Metal*. Desde a gênese deste gênero musical, no início dos anos de 1970, a relação das *personas* artísticas (construídas pelos músicos) com a figura do Demônio migrou da alteridade para a identificação. A partir dos anos de 1990, o músico passou a personificar a entidade demoníaca. As escolhas estéticas dos indivíduos de experiência êmica no *Metal* parecem emanar da atração que estes sentem pela expressão de força e poder. A performance da identificação seria, assim, uma manifestação deste princípio. A pesquisa realizou-se através de estudo exploratório, análise documental da discografia do gênero e observação direta. Os referenciais que embasaram o processo encontram-se nas teorias de Mikhail Bakhtin e Vilém Flusser.

**Palavras-Chave:** Imagens demoníacas, *Heavy Metal*, Expressão de força e poder

### ABSTRACT

This article aims at analyzing chronologically and conceptually the use of iconography referring to the demonic in (*Heavy*) *Metal*. Since the genesis of this musical genre in the early 1970s, the relationship of "artistic personas" (developed by musicians) with the image of the devil shifted from otherness to identification. From the 1990s onwards, musicians in specific metal subgenres started to personify the demonic entity. The aesthetic choices made by individuals of emic experience in metal seem to stem from their attraction to the expression of strength and power. The performance of identification would therefore be a manifestation of this principle. The research was conducted through exploratory study, documentary analysis of discography and field work. The theoretical framework can be found in Mikhail Bakhtin (ANO) and Vilém Flusser (ANO).

**Keywords:** demonic iconography, *Heavy Metal*, expression of strength and power.

1 – Graduado em Direito pela universidade Estadual de Londrina e em Jornalismo e Comunicação Social pela Faculdade Pitágoras, mestre em Comunicação pela Universidade Estadual de Londrina e doutorando sob os auspícios da bolsa CNPq no Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) - [hardrockingroad@yahoo.com.br](mailto:hardrockingroad@yahoo.com.br)

2 – Graduada em Comunicação Social/Jornalismo pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestre e doutora em Música pelo Programa de Pós-Graduação em Música (PPGM)/ Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e pesquisadora de pós-doutorado sob os auspícios da FAPERJ, junto ao PPGM/UNIRIO - [clazev2005@hotmail.com](mailto:clazev2005@hotmail.com)

## 1. INTRODUÇÃO

*Lucifer sneeringly asks Cain who the real Devil is: Lucifer, who wanted Adam and Eve to have knowledge and prompted the serpent to tell them the truth about the tree, or Jehovah (God), who drove them out of the garden into exile and death*

Lord Byron, 1788-1824,  
(RUSSELL, 1986, p. 184-185)

*Lúcifer, com ar de mofa, pergunta a Caim quem é o verdadeiro Diabo: Lúcifer, que gostaria que Adão e Eva obtivessem conhecimento e incitou a serpente para lhes dizer a verdade sobre a árvore, ou Jeová (Deus), que os expulsou do jardim para o exílio e a morte*

(livre tradução dos autores)

### 1.1 Uma Breve História do Gênero de Música: *Heavy Metal*

De todas as maledicências atribuídas ao *Heavy Metal*, a mais badalada pela imprensa diária é, sem dúvida, a de um vínculo muito estreito com o Diabo ou com tudo o que de ruim uma relação assim pode suscitar. Para que se entenda o motivo dessa hodierna associação faz-se mister voltar para outros estilos musicais que participam do forjamento desse gênero “metálico”.

A fusão do *country* com o *blues* desencadeia o *rock and roll*, e estes se transformam em seus principais antepassados na primeira metade do século XX. No crepúsculo da década de 1960, quando deita (na verdade: desaba) por terra a pueril tentativa de colocar um pouco de humanidade no Mundo via o movimento *flower power* dos hippies (a música elétrica de parte da geração jovem) segue uma direção mais ríspida e desilusa. Assiste-se ao surgimento daquilo que antecede o *Punk* com bandas como o MC5 e, da mesma forma, o *Hard Rock* também desponta com grupos como os The Rolling Stones, Deep Purple, Led Zeppelin, Grand Funk Railroad e The Amboy Dukes. Finalmente, há certo consenso de que o debute do *Heavy Metal* dá-se, em 1969, com o Black Sabbath e, desde então, o êxito comercial desse gênero não deixa de se agigantar.

Portanto, torna-se compreensível o trato íntimo do *Heavy Metal* com temas metuendos - que infundem medo - e com imagens escabrosas, que afrontam as “conveniências”. Afinal, ele (o *Heavy Metal*) herda o desprezo social sofrido pelo *country* e *blues* daquela época. Ele compartilha a crueza, a agressividade e, especialmente, a provocação do *Punk* assim como o inconformismo rebelde do *Hard Rock*. O *Hard Rock* ainda apresenta um componente hedonista que o aproxima muito do quadro demoníaco geral! Enfim, ele herda o estereótipo de algo sempre compactuado com o Demônio. E isto vem sendo muito bom para os negócios, diga-se de passagem.

Em sua teoria dos gêneros musicais, o musicólogo italiano Franco Fabbri (1981) argumenta que um gênero musical é definido por um conjunto de regras, dentre as quais, aquelas referentes à sonoridade perfazem apenas um dos tipos. Resumidamente, gênero musical constituir-se-ia de: “*A set of musical events (real or possible) whose course is governed by a definite set of socially accepted rules*” (Fabbri, 1980: 1). A definição, controvertida por ser muito ampla, de “musical event” utilizada pelo autor é de outro italiano, Gino Stefani: “*Any type of activity performed around any type of event involving sound*” (Fabbri, 1980: 1). As regras discriminadas por Fabbri, não necessariamente hierárquicas e estáticas, são: técnico-formais, semióticas, sociais e ideológicas, comportamentais, econômicas e jurídicas. Em alguns casos, haveria uma *hyper rule* (uma ideologia do gênero) que estabeleceria gradações de relevância em meio às demais regras. Entretanto, muitas vezes, parece-nos difícil estabelecer a fronteira entre algumas das regras, em especial aquelas concernentes ao comportamento, à ideologia e às práticas sociais, uma vez que elas manifestam-se concomitantemente, interseccionando-se. De qualquer modo, qualquer análise parte de uma segmentação deliberada, através da qual tentamos abordar a totalidade da experiência humana. Deste modo, consideramos útil pensar nesta teoria de gênero musical como uma tentativa de responder às perguntas: “quem” (comunidade de adeptos: fãs, músicos, produtores), “o quê” (algo conhecido por gênero musical), “como” (escolhas em termos de sonoridade, iconografia, divulgação, produção, performance, comportamento), “o porquê” (motivação, benefício auferido, ganho afetivo), “onde” (em que lugar do Planeta), “quando” (em que época histórica). As respostas a estas perguntas, elaboradas a partir das regras de gênero de Fabbri, parecem-nos dar conta da expressão “cena musical”.

Consideramos que a partir da hiper-regra dos gêneros que constituem o *Metal* - manifestações de força (inclusive de caráter), resistência e poder - é que expressões audiovisuais e regras de conduta emanam. Demonstrações de vulnerabilidade e autocomiseração costumam ser rechaçadas entre fãs. Em estilos de *Metal* não-extremo, deparamo-nos frequentemente com figuras de “heróis”. Ainda pertencentes à categoria humana, heróis sobrepujam seus temores e realizam conquistas. À medida que rumamos em direção aos gêneros mais extremos, vemos que os músicos constroem *personas* artísticas aludindo ao sobre-humano e ao subumano, imbuídos do projeto expressivo de suscitar o medo (AZEVEDO, 2009, *passim*). No caso do *Black Metal*, na maioria das cenas pelo Mundo, a construção da *persona* artística envolve a adoção de pseudônimos inspirados em mitologia, literatura fantástica ou entidade demoníaca, além da maquiagem chamada de *corpse paint*: o rosto pintado de branco, com a região em volta dos olhos, maxilares e lábios escurecidos, muitas vezes com outros detalhes na face e no peito, como simulação de sangue ou desenhos de pentagramas e cruzes invertidas.

Assim, levando-se em consideração as questões ideológicas dos gêneros constitutivos do *Metal*, costumeiramente expressas através do conjunto específico das regras semióticas e técnico-musicais, é plausível pensar que se trata, de fato, de um arquigênero audiovisual. Para tentar dar conta da dimensão humana – o conteúdo simbólico - do *Metal*, é necessário entendê-lo em meio à intertextualidade de seu sistema semântico, ancorado em ideologia e expresso por escolhas estéticas de igual importância em termos de sonoridade e iconografia.

## 1.2 Uma Ligeira História do Diabo

*Os homens jamais fazem o mal tão completamente e tão felizes como quando o fazem por razões religiosas*

Blaise Pascal (1632-1662)

Na tentativa de esquadrihar uma história do Diabo – do ocidental, pelo menos – há de se voltar para o dualismo que envolve os dois princípios básicos e opostos da conduta

humana: do bem e do mal. Um conceito que se estende desde a antiguidade do Oriente Médio, anterior à confecção dos textos bíblicos, na Pérsia (atual Irã) com o zoroastrismo.

A questão do bem e do mal vem passando pelos cuidados de um sem-fim de estudiosos nos diversos campos do conhecimento: da Filosofia, da Literatura, da História, da Psicanálise, da Sociologia, da Antropologia, das Teorias da Comunicação, da Semiótica e ainda assim, até os dias atuais, promove as mais vivas discussões. Aristóteles, Voltaire, Arthur Schopenhauer, Dostoiévski, Nietzsche, João Guimarães Rosa (em sua obra máxima: Grande Sertão: veredas), Carl Jung, Ítalo Calvino, Jeffrey Burton Russell, Vilém Flusser e Georges Minois constituem-se apenas em uma diminuta parte da plêiade universal de poderosas mentes que muito se dedica ao assunto.

Costuma-se considerar o fascinante debute do Diabo, em sua posição de grande chefe antagonico ao gênero humano, no Livro de Jó, que consta no Velho Testamento, em que Deus permite que o Demônio submeta Jó a todas as provas para se certificar de sua fidelidade. Muita pachorra também é preciso para uma correta aplicação dos nomes próprios Satã, Satanás e/ou Lúcifer. Vamos considerar como ponto pacífico dessa incrível barafunda bíblica três incidentes da famosíssima “queda” (ou da “expulsão”) de um “ser maligno portentoso” que parte do céu, diretamente, para o inferno ou que sai daqui, da terra e do convívio com todos os reles mortais, para o ostracismo eterno das trevas.

No Antigo Testamento, seguindo a ordem cronológica, manifesta-se primeiro o profeta Isaías em *A morte do rei da Babilônia*: “*O teu fausto foi precipitado no Xeol [...] Como caíste do céu, ó estrela d’alva, filho da aurora! Como foste atirado à terra, vencedor das nações [...] E, no entanto, dizias no teu coração: ‘Subirei até o céu, acima das estrelas de Deus colocarei meu trono’ [...] E, contudo, foste precipitado ao Xeol, nas profundezas do abismo*” (Is 14, 3-15). Depois vem Ezequiel (também no Velho Testamento) em *A queda do rei de Tiro*:

*“[...] Visto que em teu coração te igualaste a Deus [...] Tu eras modelo de perfeição, cheio de sabedoria, de beleza perfeita. Estavas no éden, jardim de Deus [...] Fiz de ti o querubim cintilante, o protetor; estavas no monte santo de Deus [...] Até o dia em que se achou maldade em ti. Em virtude do teu comércio intenso te encheste de violência e caíste em pecado. Então te lancei do monte de Deus como profano e te exterminei [...] Eu te reduzi a cinzas sobre a terra, aos olhos de todos os que te contemplavam” (Ez 28, 6-19). (Bíblia de Jerusalém, 2004, p. 1520-1521).*

Finalmente, no Novo Testamento, chega o momento em que Deus descreve a descida de Satã ou Satanás à terra na aparência de um fenomenal raio luminoso. É a tão badalada transformação luciferina, pois Lúcifer, em latim, significa “o que leva o archote, ou a luz”. Relata São Lucas: “*Os setenta e dois apóstolos voltaram com alegria, dizendo: ‘Senhor, até os demônios se nos submetem em teu nome!’ Ele lhes disse: ‘Eu via Satanás cair do céu como um relâmpago! Eis que vos dei o poder de pisar serpentes, escorpiões e todo o poder do Inimigo’*” (Lc 10, 17-18). (Bíblia de Jerusalém, 2004, p. 1807).

*Considerando o papel importante de Satã no Novo Testamento, notamos que ele tem diversos nomes. Trinta e cinco vezes nos evangelhos ele é chamado de Satã; trinta e sete vezes ele é o “Diabolos” ou Diabo; muitas vezes ele é o “Inimigo” e sete vezes ele é referido como Belzebu, que significa “Senhor das Moscas”, e se refere à divindade persa, Arimã. No quarto evangelho também encontramos frequentes referências ao Diabo, citado muitas vezes como “Príncipe deste Mundo”. (SANFORD, 1988, p. 49).*

Satã, Satanás, Lúcifer ou simplesmente o Diabo ocidental vem então, ao longo dos séculos, sofrendo constantes metamorfoses e justaposições a satisfazer interesses de toda ordem: mercantil, política, social. E, sem sombra de dúvida, as figuras dos deuses greco-latinos Pã e Dioniso, cujos aspectos exteriores são altamente perturbadores para os seres humanos sempre relacionados à falta de forma em um constante ambiente caótico, emprestam-lhe os seus principais atributos físicos e comportamentais.



**Figura 01** - O deus campestre Pã abraçando o deus Olimpo, ensinando-lhe a tocar a *sírinx*; certamente, é a divindade que mais empresta atributos físicos para a atual representação do Diabo (Coleção Mansell, Londres); **disponível em:** <[www.wikipedia.org](http://www.wikipedia.org)>; **acesso em:** 11 abr. 2013 **Figura 02** - *O Sabá das Bruxas* de Goya, óleo em tela, (Fundación Lázaro Galdiano, Madrid); **disponível em:** <[www.istoe.com.br](http://www.istoe.com.br)>; **acesso em:** 11 abr. 2013 **Figura 03** - Capa do disco *A Little Ain't Enough* (Estados Unidos: Warner, 1991) do vocalista de *Hard Rock/Heavy Metal*: David Lee Roth; **disponível em:** <[www.musicmight.com](http://www.musicmight.com)>; **acesso em:** 11 abr. 2013

Fica assim afigurada a confusão envolvendo os nomes Satã e Lúcifer que tende a prosseguir *per saecula saeculorum*, e a eles se ajunta depois o de Mefistófeles. Segundo Russell, Panurgo, o amigo inseparável de Pantagruel (das obras de François Rabelais), é o protótipo do Diabo criado por Goethe. “[...] Ele é, no mínimo, um pouco simpático com sua vítima [...] A internacionalização e a humanização do caráter de Satã vieram a se tornar o tema principal da literatura posterior a Fausto no cair das folhas dos séculos XVI e XVII.” (RUSSELL, 1986, p. 57-58 e 164, livre tradução nossa). Opera-se a partir daí uma constante transformação humanizada – e racional - da magna figura demoníaca, aproximando-a ainda mais dos homens.

## 2. O DIABO METÁLICO, A CARNAVALIZAÇÃO BAKHTINIANA E A IRONIA FLUSSERIANA

*Se incomodarmos a Filosofia com perguntas impetuosas, seremos soterrados pela avalanche de respostas contraditórias, ou seremos congelados pelo hálito frio e cortante do seu silêncio desinteressado*

Vilém Flusser, 1920-1991, (FLUSSER, 2006, p. 200)

“*Houve então uma batalha no céu: Miguel e seus Anjos guerrearam contra o Dragão (ou Satanás). O Dragão batalhou, juntamente com seus Anjos, mas foi derrotado, e não se encontrou mais um lugar para eles no céu.*” (Bíblia de Jerusalém, 2004, p. 2154; Ap 12, 7-9). Se o Deus bíblico (do Novo Testamento) encarrega um grupo de seus subordinados para depurar a região celeste de habitantes “subversores” e indesejáveis, aqui, embaixo (na Terra), ironicamente, uma análoga patrulha de “purificadores angelicais” confunde-se, permitindo que um novo estilo musical – proscrito e anatematizado – viesse a se configurar. É o que relata Tony Iommi, o guitarrista da banda Black Sabbath, tido como o criador do *Heavy Metal*, após sofrer um sério acidente automobilístico e no qual escapa praticamente ileso, isso no outono da década de 1960.

*Eu fui passado por cima, voando, em direção a algumas árvores e vi asas se desembaraçando do carro em que estava sentado. Conforme eu me recordo, tudo ocorreu de forma bem devagar, em slow motion. Isso parece ridículo, louco, mas eu vi três figuras saindo, uma para a esquerda e duas para a direita, parecidas com anjos. E pensei, então é isso [...] Contemplando aquelas três figuras, e era tão real. Fez-me pensar que – Cristo! – eu fui salvo aqui. E salvo para um propósito: para fazer algo. Alguém sugeriu que tudo assim aconteceu para que o Heavy Metal fosse criado. Que grande propósito! Os anjos, porém, devem ter se perguntado: “Puxa, alguma coisa saiu errada!”. (IOMMI, 2011, p. 33-34). (Livre tradução nossa).*

A história do *Rock Pesado* - sobretudo do *Heavy Metal* – encontra-se mergulhada em diversos episódios bons (angelicais) e maus (diabólicos). É uma verdadeira convergência de elementos compósitos, hiperbólicos e assim também grotescos. Isso permite que o conceito de carnavalização de Bakhtin (1895-1975) contribua satisfatoriamente em sua análise; o mesmo procede com as ideias pouco convencionais de Flusser (1920-1991).





**Figura 04** – Capa do primeiro disco de *Heavy Metal: Black Sabbath* **Fonte: Disponível em:** CD (Inglaterra: Castle Communications, 1976/1986); imagem digitalizada pelo autor Adriano A. Fiore **Figura 05** – Capa do CD do grupo inglês Black Sabbath intitulado: *Born Again* (Brasil: Vertigo, 1983) **Fonte: Disponível em:** Brasil: Vertigo, 1983, digitalizada pelo autor Adriano A. Fiore **Figura 06** – Capa do último disco da banda Heaven and Hell: *The Devil you Know* (Rhino/Roadrunner, 2009) **Fonte:** <[www.metal-archives.com](http://www.metal-archives.com)> **Disponível em:** 11 abr. 2013

As representações do Diabo e da caveira predominam em capas de discos das bandas de *Heavy Metal* no Mundo inteiro. Nas figuras 04, 05 e 06 consideramos obras tão-somente do Black Sabbath e do Heaven and Hell (grupo constituído por Tony Iommi e outros músicos “sabbathianos”) e sua evolução estilística no tempo.

No *Black Sabbath* (figura 04) tem-se a aparição de uma estranha criatura alusiva às bruxas (ou aos bruxos), estas, aliás, que sempre são associadas ao lado sestro (esquerdo, canhoto, sinistro) ou demoníaco. Em *Born Again* (figura 05) o sorridente bebezinho está a anunciar o renascer do Black Sabbath depois de uma mudança significativa no conjunto de seus músicos. E, por fim, se mostra a agressiva ilustração (figura 06) de um poderoso ente infernal que profana abertamente um crucifixo, provando ser fruto de um *marketing* - já comum no hodierno século XXI - sem qualquer receio de resposta contrária por parte do público, da crítica midiática ou das tradicionais instituições “guardiãs” da moral e ordem estabelecidas. Imagens do Diabo são potencialmente comercializáveis e, reforçadas com profanações e blasfêmias, atingem interessantes níveis de vendagem.

A linguagem do *Heavy Metal* é riquíssima de simbolismo e significação, e se vale de todos os recursos estilísticos e/ou semânticos disponíveis para a transmissão de mensagens escritas, faladas ou audiovisuais. O mundo do *Rock* Pesado é carregado de humor, de ironia, de sarcasmo e de paixão exacerbante, enfim, de ambivalência no mais alto grau. Felizmente, a

carnavalização bakhtiniana é onusta de elementos pertinentes ao riso, ao exagero (ou hiperbolismo), ao grotesco e a todas as formas de expressão da cultura cômica popular. E estas grandes categorias bakhtinianas se já eram válidas na Idade Média e no Renascimento, hoje, é que ainda são mais verdadeiras e proveitosas.

*Para Schopenhauer, o “humor” é o inverso da “ironia”. Enquanto esta última é a brincadeira que se esconde atrás do sério e visa alguém; o humor é o sério que se esconde atrás do humor e visa o próprio humorista. Schopenhauer tem consciência de viver em um mundo que já é “humorístico”, isto é, onde todos riem de qualquer coisa e cuja hilaridade é expressão de idiotice. O riso autêntico é aquele do filósofo que constata o nonsense da vida confrontado à vontade de viver, “o insuportável conflito do querer-viver e da falta de justificativa para a existência humana. (MINOIS, 2003, p. 517).*

Flusser (1920-1991), em seu livro *A Filosofia da Caixa Preta*, faz uma análise do grau de influência que as imagens técnicas – produzidas por diversos aparelhos e tecnologias humanas – vêm suscitando em todas as culturas e sociedades através dos séculos. Tudo pode ser transformado em símbolos, e tal manipulação (a que oculta as verdadeiras intenções e interesses de seus autores) tanto tem a capacidade de direcionar bons como maus resultados interpretativos. É um terrível jogo com signos que passa a ser jogo do poder. O antropólogo, sociólogo e filósofo francês Edgar Morin (1984) tece um esclarecedor comentário a esse respeito ao situar símbolos e representações ao encontro de sentimentos que podem servir de estímulo a supervenientes manifestações de poder.

*Podemos adiantar que uma cultura constitui um corpo complexo de normas, símbolos, mitos e imagens que penetram o indivíduo em sua intimidade, estruturam os instintos, orientam as emoções. Esta penetração se efetua segundo trocas mentais de projeção e de identificação polarizadas nos símbolos, mitos e imagens da cultura como nas personalidades míticas ou reais que encarnam os valores (os ancestrais, os heróis, os deuses). Uma cultura fornece pontos de apoio imaginários à vida prática, pontos de apoio práticos à vida imaginária; ela alimenta o ser semirreal, semi-imaginário, que cada um secreta no exterior de si e no qual se envolve (personalidade). (MORIN, 1984, p. 15).*

O sociólogo francês Jean Baudrillard (1929-2007) acompanha Flusser e Morin no tocante à advertência da danosa e completa manipulação engendrada pelos meios de comunicação de massa nos dias de hoje, provocando cada vez mais desconfiança e

incredulidade geral. Acrescenta, porém, um novo (e inquietante) ponto de vista ao entender que cada ser humano na condição de: fã de grupos de *Rock* ou outros gêneros musicais, telespectador, cliente, consumidor, enfim, no papel de receptor pode ser capaz de passar diariamente por um bombardeio impiedoso de informações midiático e, também, sair incólume em sua saúde mental, desde que seja resoluta sua personalidade.

*[...] Só que resulta suspeita ou justificativa impertinência geral quanto ao valor das pesquisas, uma espécie de “veredicto de simulação” espontâneo. Veredicto de incredulidade, de desconfiança que se estende hoje a tudo que nos é passado pelo canal dos meios de comunicação e da informação, até mesmo pelo da ciência. Nós gravamos tudo, mas não acreditamos nisso [...] À simulação respondemos com a simulação, nós nos tornamos dispositivos simuladores [...] Portanto, não se deve dar razão àqueles que exaltam o uso benéfico dos meios de comunicação nem aos que reclamam da manipulação, pois não há nenhuma relação entre um sistema de sentido e um sistema de simulação. Publicidade e pesquisas são bem incapazes de alienar a vontade ou a opinião de quem quer que seja porque não atuam nesse espaço-tempo da vontade e da representação em que se forma o julgamento [...] A tela tecida pelos meios de comunicação (a informação) a nossa volta é de total incerteza. E de uma incerteza “completamente nova” – já que não é mais a que resulta da falta de informação, mas da própria informação, e do excesso de informação. Contrariamente à incerteza tradicional que podia sempre ser resolvida, esta é, portanto, irreparável e nunca será dissolvida. (BAUDRILLARD, 1996, p. 76-77; 79).*

O sorriso irônico de Flusser - como o de Sócrates e o de Diógenes O Cínico, diga-se de passagem - encontra perfeito ancoradouro no “hálito frio e cortante do silêncio desinteressado” (talvez aqui, melhor fosse o uso do termo “inexorável”) da Filosofia ao lidar com a existência dos seres humanos. Ele é calmo, portanto. Leva em si “o clima da Filosofia”, mas, isso o torna potencialmente antagônico e ambivalente, pois nessa torre de marfim reina uma tranquilidade perigosa, inquietante e eternamente ameaçadora. É uma “paz um tanto sinistra”, fruto de todos os questionamentos filosóficos. “É o sorriso que ilumina a face da Filosofia é o sorriso da ironia, que é resultado da convicção fundamental de que nenhum problema filosófico pode ser solucionado”. (FLUSSER, 2006, p. 201).



**Figura 07** – Capa de *Expect No Mercy* da banda escocesa de *Hard Rock/Heavy Metal*: Nazareth **Fonte:** **Disponível em:** *Compact Disc* (Estados Unidos: A&M, 1977), imagem digitalizada pelo autor Adriano Fiore **Figura 08** – Capa do disco denominado *Jugulator* (Alemanha: SPV, 1997), do grupo inglês Judas Priest **Disponível em:** <[www.musicmight.com](http://www.musicmight.com)> **Acesso em:** 11 abr. 2013 **Figura 09** – Capa do CD: *The Final Frontier*, último disco da banda Iron Maiden **Fonte:** **Disponível em:** imagem digitalizada pelo autor Adriano Fiore



**Figura 10** – Capa do CD: *Blizzard Beasts* (Osmose Productions, 1997) da banda de *Metal Extremo* norueguesa Immortal **Disponível em:** <[www.metal-archives.com](http://www.metal-archives.com)> **Acesso em:** 11 abr. 2013 **Figura 11** – Capa de *Hordes of Chaos* (Alemanha: Steamhammer, 2009) dos alemães do grupo de *Thrash Metal*: Kreator **Disponível em:** <[www.metal-archives.com](http://www.metal-archives.com)> **Acesso em:** 11 abr. 2013 **Figura 12** - Capa do CD do Immortal: *All Shall Fall* (Alemanha: Nuclear Blast, 2009) **Disponível em:** <[www.metal-archives.com](http://www.metal-archives.com)> **Acesso em:** 11 abr. 2013

A evolução estilística da figura demoníaca em concepções artísticas de produtos pertinentes ao *Heavy Metal* vem se realizando a olhos vistos desde o prelúdio dos anos de 1970; ou seja, acompanha a própria história desse gênero musical. A adoção do Diabo e de caveiras - e de outras tantas imagens grotescas, agressivas e impactantes – como “garotos-propagandas” é natural. Facilmente percebível levando-se em conta o tripúdio infundado e a ostensiva discriminação sofridos pelos diletantes do *Rock Pesado* ao longo de do percurso de tempo promovidos (e sustentados) pela maioria dos “profissionais”, fazedores de opinião pública, dos principais meios de comunicação de massa.

## 2.1 O Diabo Metálico nas Letras, Canções e sempre presente nas Capas de Discos

“Black Sabbath”, (Iommi, Butler, Ward, Osbourne) inserida no disco *Black Sabbath* (figura 04, Vertigo, 1970), peça musical integrante do primeiro álbum da banda homônima, considerada o marco zero do *Heavy Metal*, traz um personagem amedrontado pela presença do Demônio. Este, na voz do cantor Ozzy Osbourne, questiona-se: “O que é isto que se levanta ante mim?” A constatação de que se trata de uma figura vestida de preto que aponta em sua direção, o faz fugir, correndo. Logo, o personagem descobre ser, ele, “o escolhido”. Satã continua sendo descrito como uma ampla forma negra com olhos de fogo, que adivinha os desejos das pessoas e, sorridente, observa as labaredas enquanto crescem. O personagem grita: “Oh não, por favor, Deus me ajude!” e pergunta-se se este é o fim. Satanás encontra-se em seu enalço e pessoas correm aterrorizadas... A peça musical termina com a exclamação: “Não, não, por favor, não!”.

Outra faixa desse mesmo álbum, “N.I.B.”, (Iommi, Butler, Ward, Osbourne em *Black Sabbath*, Vertigo, 1970) traz o personagem descrevendo as vantagens que seu interlocutor terá se dedicar seu amor leal a “Ele”: “Dar-te-ei todas as coisas que acreditavas serem irreais”. Em breve, descobrimos tratar-se de Lúcifer e que ele já possui aquele indivíduo sob seu poder até o final dos tempos:

*Agora o tenho comigo, sob meu poder  
Nosso amor torna-se mais forte a cada hora  
Olhe em meus olhos, verá quem sou  
Meu nome é Lucifer, por favor, tome minha mão.  
Siga-me agora e não se arrependerá  
Abandonando a vida que levava antes de nos encontrarmos  
Voce é o primeiro a ter este meu amor  
Para sempre comigo até o fim dos tempos.* (“N.I.B.”, Iommi, butler, Ward, Osbourne).

Quase uma década mais tarde, bandas pertencentes à chamada *New Wave of British Heavy Metal* trataram a representação do Demônio com ambiguidade. Iron Maiden, em “The number of the Beast”, (Harris; incluída no disco *The Number of the Beast*, EMI, 1982), apresenta um personagem que, diante de um ritual de sacrifício, sente o impulso de denunciá-



lo, questionando-se se está em sã consciência, mas sucumbe, hipnotizado, ao poder da Besta. Esta lhe diz:

Voltarei, retornarei  
E possuirei seu corpo e fá-lo-ei queimar  
Possuo o fogo, possuo a força  
Tenho poder de fazer meu mal tomar seu rumo. (Harris; letra respeitante ao disco *The Number of the Beast*, EMI, 1982).

A faixa inicia-se com o áudio histriônico do ator Barry Clayton (<<http://www.nme.com/blogs/nme-blogs/the-10-mightiest-intros-in-metal>>) lendo uma passagem do Livro do Apocalipse, criando uma atmosfera teatral de filme de “terror B”, o que é ratificado pela iconografia bem-humorada, quase cômica, relacionada à canção, escolhida para o videoclipe e capa do disco.

Da mesma geração, e ainda com “algum” senso de humor, umas das bandas precursoras do gênero *Black Metal*, Venom, oscila entre compactuar consensualmente com a figura satânica e representar ou personificá-la. A iconografia torna-se menos caricata, o que, na geração seguinte do *Metal* extremo, desembocaria no que poderíamos considerar blasfêmia deliberada. No primeiro álbum da banda, *Welcome to hell* (figura 13; Neat Records, 1981), o personagem vê-se confortavelmente como filho de Satã em “Sons of Satan” (Lant): “*Em algum ponto do tempo, nós nascemos; trazemos desejo por sangue, ódio e desprezo [...] Agora eu ordeno que vocês se ajoelhem...*” (A cópia e a reprodução das letras, em inglês, são proibidas, assim sendo, optamos pela livre tradução e convidamos o leitor a consultá-las no sítio oficial da banda; disponível em: <[http://www.venomslegions.com/lyrics/01\\_wth.htm](http://www.venomslegions.com/lyrics/01_wth.htm)>). Os lançamentos seguintes da banda seguem uma lógica parecida. Algumas bandas de *Thrash Metal* do início dos anos 1980, como, por exemplo, o Slayer e, mais tarde, o Sepultura no início da carreira, também flertaram com o demoníaco, apesar de sua temática ser mais abrangente, com viés de crítica sócio-política.



**Figura 13** - Capa do disco *Welcome to Hell* (Neat, 1981) dos ingleses do *Black Metal*: Venom **Fonte:** <[www.metal-archives.com](http://www.metal-archives.com)> **Disponível em:** 12 abr. 2013 **Figura 14** – Capa de *Now, Diabolical* (Roadrunner, 2006) dos noruegueses Satyricon **Fonte:** <[www.metal-archives.com](http://www.metal-archives.com)> **Disponível em:** 12 abr. 2013 **Figura 15** – Capa do disco *The Underworld Regime* (Indie, 2010) dos também noruegueses do *Black Metal*: Ov Hell **Fonte:** [www.wikipedia.org](http://www.wikipedia.org) **Disponível em:** 12 abr. 2013

Entretanto, foi com o *Black Metal*, especialmente na chamada “segunda onda” (esteticamente cristalizada na Noruega, no início dos anos 1990) que a *persona* artística, definitivamente, personificou a figura do monstruoso e do demoníaco. Sob o impacto de grupos como o supracitado Venom e ainda: o dinamarquês Merciful Fate, o sueco Bathory, o suíço Celtic Frost e o brasileiro Sarcófago – todos com temática e iconografia satânica – as bandas norueguesas tornaram-se o paradigma sonoro, iconográfico e ideológico desse estilo durante mais de uma década. Abertamente anti-religiosos, sobretudo anticristãos, os artistas de *Black Metal* dividem-se entre os que adotam discursos pagãos (os bons tempos eram aqueles antes de o cristianismo dominar corações e mentes) e preferem se expressar de forma sombria demoníaca como antítese daquilo que se considera iluminação cristã. Utilizando a maquiagem *corpse paint*, adotando pseudônimos mitológicos e demoníacos e empregando vocalizações ora guinchadas, ora guturais, integrantes de bandas propõem-se como entidades supra ou subumanas em sua performance. Não estão na presença do Demônio, não compactuam com ele, *são* da sua natureza.

## CONCLUSÃO

Ironicamente, é sabido, hoje, que o *Heavy Metal* veio a se transformar em um estilo de *Rock* de enorme sucesso mercadológico em todo o Mundo, adentrando-se mesmo em muitos países do Oriente, até naqueles que ainda se desesperam com regimes político-sociais e religiosos arbitrários. É importante observar, no entanto, que, ao largo das bandas de grande sucesso, mantêm-se na ativa, milhares de outras sem obtenção de vantagens pecuniárias, apenas pelo desejo de identificar-se com o “Metal”. Além disso, constata-se que, quanto mais extremo, o *Metal* mais se distancia das raízes de *blues* e *rock*.

Tal façanha, a de congregar uma base de fãs tão leal e transnacional, se deve ao fato de que o *Heavy Metal* é senhor de uma singular honestidade interpretativa ao lidar com assuntos humanos de diversas ordens. Isso o torna atraente para multidões ao mesmo tempo em que, naturalmente, suscita a aversão de boa parte de instituições governamentais e particulares, devido a suas escolhas estéticas carregadas de simbolismo culturalmente codificado como blasfemo e problemático, mesmo que ressignificado positivamente entre os participantes da “cena”.

Para a sua sobrevivência, o *Heavy Metal* clama por uma reposição constante de elementos imagéticos poderosos, capazes de satisfazer sempre uma etapa seguinte, isto é, de uma segunda realidade simbólica que garanta ainda mais a fidelidade dos seus aficionados. Os criadores de *marketing* do *Heavy Metal* - extremo ou não - têm consciência disso e aplicam, consciente ou inconscientemente, todos os elementos carnavalizadores de Bakhtin e a crueldade sóbria da filosofia flusseriana nesse propósito. E a representação do Diabo, o clássico superpotente inimigo de Deus, apresenta todas as qualidades para desempenhar satisfatoriamente essa tarefa com absoluto êxito comercial. Portanto, a aproximação assim como a identificação dos *headbangers* (ou “metaleiros”) com a pessoa do Demônio vêm se desenvolvendo historicamente dentro de uma peculiar necessidade existencial do próprio grupo.



## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Cláudia Souza Nunes de (2009). **É para ser escuro!** - codificações do *Black Metal* como gênero audiovisual. Tese de Doutorado em Música. Programa de Pós-Graduação em Música – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).
- BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento**. São Paulo/Brasília: Universidade de Brasília, 1999.
- BAUDRILLARD, Jean. **As Estratégias Fatais**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. (com aprovação eclesiástica, CNBB SG – nº 0051/03). São Paulo: Paulus, 2004.
- ERLEWINE, Michael; BOGDANOV, Vladimir; WOODSTRA, Chris; ERLEWINE, Stephen Thomas; UNTERBERGER, Richie. **Rock: the experts' guide to the best rock, pop, soul, r&b and rap**. San Francisco: Miller Freeman Books, 2nd edition, 1997.
- FABBRI, Franco (1980). **A theory of musical genres: two applications**. Disponível em: <<http://www.tagg.org/others/ffabri81a.html>>; consulta em: 11 abr. 2013.
- FLUSSER, Vilém. **A História do Diabo**. São Paulo: Annablume Editora e Comunicação, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Filosofia da Caixa Preta**. Rio de Janeiro: Dumará, [20--].
- FRIEDLANDER, Paul. **Rock and Roll: uma história social**. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- GRAF, Arturo. **Art of the Devil**. New York: Parkstone Press International, 2009.
- GRUDE, Torstein (1998). **Satan rides the media - Black Metal & Church Burnings in Norway**. Documentário. Disponível em: <<http://www.youtube.com>>; consulta: 10 jan. 2013.
- IOMMI, Tony. **Iron Man: my journey through heaven and hell with Black Sabbath (as told to TJ Lammers)**. London: Simon & Schuster, 2011.
- MINOIS, Georges. **História do Riso e do Escárnio**. São Paulo: UNESP, 2003.
- MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no século XX – o espírito do tempo 1, neurose**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1984.
- MOYNIHAM, Michael. SODERLIND, Didrik (1998). **Lords of Chaos – The bloody rise of the satanic metal underground**. Venice, CA: Feral House.
- O'HARA, Craig. **A Filosofia do Punk: mais do que barulho**. São Paulo: Radical Livros, 2005.
- ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

RUSSELL, Jeffrey Burton. *Mephistopheles – the Devil in the Modern World*. New York: Cornell University Press, 1986/1988/1990.

\_\_\_\_\_. **O Diabo**: as percepções do mal da Antiguidade ao Cristianismo Primitivo. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

SANFORD, John A. **Mal** – o lado sombrio da realidade. São Paulo: Paulinas, 1988.

STANFORD, Peter. *The Devil: a biography*. New York: Henry Holt and Company, 1996.

“Black Sabbath” (Iommi, Butler, Ward, Osbourne), *Black Sabbath* (Vertigo, 1970). A letra, em inglês, encontra-se disponível em: <<http://www.darklyrics.com/lyrics/blacksabbath/blacksabbath.html#1>>; consulta em: 11 abr. 2013.

Black Sabbath. **Born Again**. Brasil: Compact Disc – CD, Vertigo, 1983.

Dark Lyrics. <<http://www.darklyrics.com/index.html>>; consulta: 12 abr. 2013.

DUNN, Sam. McFAYDEN, Scot (2005). *Metal: A headbanger’s journey*. Documentário em DVD. Banger Productions, 2005; Warner Brothers Entertainment Inc. 2006.

“N.I.B.” (Iommi, Butler, Ward, Osbourne), **Black Sabbath** (Vertigo, 1970). A letra, em inglês, encontra-se disponível em: <<http://www.darklyrics.com/lyrics/blacksabbath/blacksabbath.html#1>>; consulta em: 11 abr. 2013.

*NME blog*. “The ten mightiest intros in metal”. Disponível em: <<http://www.nme.com/blogs/nme-blogs/the-10-mightiest-intros-in-metal>>; acesso em: 12 abr. 2013.

“Sons of Satan” (Lant); **Welcome to Hell** (Neat, 1981). Disponível em: <[http://www.venomslegions.com/lyrics/01\\_wth.htm](http://www.venomslegions.com/lyrics/01_wth.htm)>; consulta em: 12 abr. 2013.

“The Number of the Beast” (Harris; inclusa no disco **The Number of the Beast**, EMI, 1982). A letra está disponível em: <<http://www.darklyrics.com/lyrics/ironmaiden/thenumberofthebeast.htm#5>>; consulta em: 11 abr. 2013.

“The ten mightiest intros in metal” (Barry Clayton), *NME blog*. Disponível em: <<http://www.nme.com/blogs/nme-blogs/the-10-mightiest-intros-in-metal>>; acesso em: 12 abr. 13.

<[www.istoe.com.br](http://www.istoe.com.br)> (11/04/2013)

<[www.metal-archives.com](http://www.metal-archives.com)> (11/04/2013)

<[www.musicmight.com](http://www.musicmight.com)> (11/04/2013)

<[www.wikipedia.org](http://www.wikipedia.org)> (11/04/2013)